

UMA LARANJA

Se apoio a frente na brancura e me hipnotiza
a raia vertical entre azulejos, concentro-me e dói
menos; só vejo nos restos de negrura um túnel que
me abisma. Não posso agarrar nada, resvalam-me
as mãos abertas na cerâmica; também não
ajoelhar-me: sustém-me pelas ínguas, presa
singela; e até às vezes levito. Riso dá-me, se não
fosse pelo cheiro de urinário e o humilhante de se
pôr em valor por umas notas de vinte euros...
Se (ao menos), como a Abdellah Taïa, me desse uma laranja!